

O MARCADOR DISCURSIVO “CHEGA AÍ”: CONSTRUCIONALIZAÇÃO E PARADIGMATIZAÇÃO

THE DISCOURSE MARKER “CHEGA AÍ”: CONSTRUCTIONALIZATION AND PARADIGMATIZATION

Mariangela Rios de Oliveira¹

Monique Borges Ramos da Fonseca²

RESUMO

Apoiados na abordagem da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), em estudo qualiquantitativo, observamos o percurso de mudança linguística da combinação *chega aí* até sua constituição como nova unidade simbólica de função convidativa na variante do português brasileiro. Baseados em Traugott e Trousdale (2021 [2013]), Bybee (2016 [2010]), Rosário e Oliveira (2016) e Teixeira (2015), entre outras referências da LFCU, observamos a trajetória de construcionalização de *chega aí* como um novo marcador discursivo, codificado como [chega aí]_{MD}. Ao longo do processo de mudança, as subpartes verbal (*chega*) e locativa (*aí*) são recrutadas para uso contíguo em distintas situações comunicativas em que passam por neoanálises em micropassos, as quais resultam em maior vinculação entre os termos, ademais, a construcionalização de [chega aí]_{MD} é motivada também pela relação analógica com o padrão construcional [VLoc]_{MD}. Os resultados da investigação constatarem distintos contextos de uso da combinação *chega aí* na atual sincronia e ratificam sua recente construcionalização e paradigmatização na categoria dos marcadores discursivos.

PALAVRAS-CHAVE: Construcionalização. Marcador discursivo. “Chega aí”. Paradigmatização.

ABSTRACT

Supported by the Usage-Based Linguistics approach, in a qualitative-quantitative study, we observed the path of linguistic change from the combination *chega aí* to its constitution as a new symbolic unit with an inviting function in the variant of Brazilian Portuguese. Based on Traugott and Trousdale (2021 [2013]), Bybee (2016 [2010]), Rosário e Oliveira (2016) and Teixeira (2015), among other references, we observe the constructionalization trajectory of *chega aí* as a new discourse marker, coded as [chega aí]_{MD}. Throughout the process of change, the verbal (*chega*) and locative (*aí*) parts are recruited for contiguous use in different communicative situations in which they undergo neoanalysis in microsteps which result in greater linkage between terms, in addition, the constructionalization of [chega aí]_{MD} is also motivated by the analogical relationship with the constructional pattern [VLoc]_{MD}. The results of the investigation confirm different contexts of use of the combination that *chega aí* in the current synchrony and confirm its recent constructionalization and paradigmaticization in the category of discourse markers.

KEYWORDS: Constructionalization. Discourse marker. “Chega aí”. Paradigmatization.

Introdução

Neste artigo, temos como objetivo o levantamento, a descrição e a análise do *cline contextual* que conduz à convencionalização do marcador discursivo (MD) *chega aí* no português

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), CNPq, FAPERJ, mariangelariosdeoliveira@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1474-281X>.

² Universidade Federal Fluminense (UFF), moniquebrf@id.uff.br, <https://orcid.org/0009-0007-2443-796X>.

contemporâneo, partindo dos resultados de Fonseca (2023). Como base teórica, apoiamos-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (FLCU), viés investigativo que integra ao Funcionalismo norte-americano a abordagem construcional da gramática, conforme se encontra em Traugott e Trousdale (2021 [2013]), Bybee (2016 [2010]) e, no Brasil, em Rosário e Oliveira (2016) e Rosário (2022). Pesquisamos o processo de construcionalização, nos termos de Traugott (2021, 2022), que leva à recente convencionalização da microconstrução [chega aí]_{MD}, como pareamento conteúdo – forma totalmente especificado em suas duas subpartes, ampliando o *constructicon*³ do português, com foco nos usos contemporâneos, na perspectiva da gradiência linguística, nos termos de Bybee (2010).

Investigamos contextos de uso de *chega aí*, desde os situados no nível mais lexical até aqueles que ilustram a instanciação do MD [chega aí], como os seguintes:

(1) **Anorexicdemon**

@anorexicdemon1

*Tweet*⁴:

eu sou mt burra, minha mãe saiu e eu tô mais de 1hr marolando enquanto eu tenho que limpar a louça e fazer exercícios alguém me mata (Anorexicdemon @anorexicdemon1)

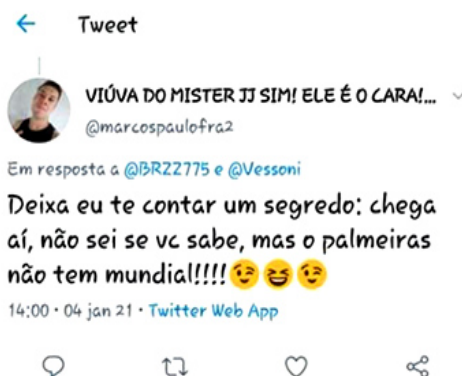
Comentário em resposta (usuário: vic@alwaysfaaat): imagina ela **chega ai** mais cedo tu se fode

(2) VIÚVA DO MISTER JJ SIM! ELE É O CARA!...

@marcospaulofra2

Tweet em resposta a @BRZZ775 e @Vessoni:

Deixa eu te contar um segredo: **chega aí**, não sei se vc sabe, mas o palmeiras não tem mundial!!!! (@marcospaulofra2 - twitter- 4/01/21)



No *tweet* (1), constatamos o uso de *chega* como elemento verbal, de sentido télico e pontual, enquanto *aí* tem papel adverbial locativo, na referência pronominal dêitica à casa do interlocutor (Anorexicdemon @anorexicdemon1). Em sequências assim organizadas, *chega* e *aí* se encontram menos vinculados em conteúdo e forma e têm sentidos menos subjetivos.

Em (2), em que apresentamos as versões transcrita e a original de um *tweet*, [chega aí]_{MD} é instanciada, conforme defende Fonseca (2023, p. 18), em prol da “marcação do discurso com sentido (inter)subjetivo de convite ao, concomitantemente, aproximar o interlocutor de si e direcionar sua

³ Termo definido como a rede de construções de que é constituída a língua, o conjunto ordenado e hierarquizado de pares de conteúdo e forma.

⁴ São assim denominadas as mensagens/ publicações na rede social *Twitter*.

atenção à informação compartilhada”. Em usos como (2), interpretamos *chega aí* como efetivo MD, uma vez que apresenta as quatro propriedades básicas dessa classe pragmática, conforme definidas por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019), quais sejam: invariabilidade formal, independência sintática, prosódia própria e atuação no nível pragmático-discursivo da língua.

Partimos da hipótese de que [chega aí]_{MD} é uma construcionalização do PB contemporâneo consequente de dois tipos de neoanálise⁵ que atuam em conjunto, demonstrando a complexidade da mudança linguística. A primeira hipótese diz respeito aos micropassos contextuais que, progressivamente, concorrem para que *chega* e *aí* se tornem mais vinculados, como assumido por Diewald e Smirnova (2012) e atestado por Rosa (2019), Sambrana (2021) e Fonseca (2023), entre outros. A segunda neoanálise assumida é que a convencionalização de [chega aí]_{MD} se dá também por analogização, mecanismo cognitivo pelo qual o esquema mais virtual formado pelas subpartes verbal e locativa – [VLoc]_{MD}, via a construção [vem cá]_{MD}, com base em Teixeira (2015), fornece o modelo construcional pelo qual se forja o type específico [chega aí]_{MD}.

Nos dados sob pesquisa, adotamos tratamento qualiquantitativo, nos termos de Cunha Lacerda (2016), pelo qual conjugamos o procedimento analítico contextual e a observação da frequência de uso. Para os contextos de uso de *chega aí*, partimos, neste capítulo, de uma perspectiva sincrônica, uma vez que se trata de um conjunto de dados pouco produtivos, cuja convencionalização do MD [chega aí] somente se detecta em sete ocorrências no português contemporâneo.

Para atingir nossos objetivos, este artigo se distribui em cinco seções. Na primeira, nos dedicamos à classe dos MD, sua definição e propriedades. Na segunda seção, apresentamos os fundamentos de ordem teórica e metodológica que nos orientam, com base na LFCU. A terceira seção é dedicada ao processo de recente construcionalização de [chega aí]_{MD}, com foco nos contextos de uso que motivam este pareamento e também na analogização à [vem cá]_{MD}, microconstrução integrante do esquema [VLoc]_{MD}. A quarta seção trata da entrada de [chega aí] no paradigma dos MD do *constructicon* do português, do lugar que esse pareamento ocupa no paradigma dos MD. Na quinta seção, apresentamos nossas considerações finais, com destaque dos resultados da pesquisa e das perspectivas abertas nessa área de investigação. Por fim, trazemos o referencial bibliográfico com o qual trabalhamos.

1. A classe dos marcadores discursivos

Os elementos que atuam na marcação do discurso, entre os quais se situa [chega aí]_{MD}, constituem uma categoria pertencente ao nível pragmático da língua. Trata-se de uma classe híbrida, não contemplada pelas descrições mais tradicionais da gramática e alvo de pesquisas linguísticas mais recentes, como as de Schiffrin (1987) e Fraser (1988, 1990).

No Brasil, uma das definições mais amplas dos MD se encontra em Risso, Silva e Urbano

⁵ Conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]), adotamos esse termo no lugar do clássico *reanálise*, considerando que se trata de inédita e inovadora interpretação, tanto ao nível da forma quanto do conteúdo.

(2015), a partir dos dados de fala provenientes do Projeto Norma Urbana Culta⁶ (NURC). De acordo com os referidos autores, os MD são assumidos como:

um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 371)

Em termos metodológicos, para definir uma categoria formalmente tão híbrida, Risso, Silva e Urbano (2015) fixam e testam 16 fatores: 1 padrão de recorrência; 2 articulação de segmentos do discurso; 3 orientação da interação; 4 relação com o conteúdo proposicional; 5 transparência semântica; 6 apresentação formal; 7 relação sintática com a estrutura gramatical da oração; 8 demarcação prosódica; 9 autonomia comunicativa; 10 massa fônica; 11 tipo de ocorrência (contiguidade/combinabilidade); 12 base gramatical (fonte); 13 sexo dos informantes; 14 local do inquirido; 15 tipo de inquirido; 16 posição (em relação à frase, ao turno, ao tópico). A partir da soma dos 16 fatores contemplados pelos dados em análise, os autores distribuem os MD em dois grupos prototípicos: os “basicamente sequenciadores” e os “basicamente interacionais”.

Com base nas propriedades apontadas para cada um dos referidos grupos, podemos dizer que [chega aí]_{MD} integra os “basicamente sequenciadores”, uma vez que concorre para o

amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e, simultaneamente, no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional. (RISSO; SILVA; URBANO, 2015, p. 391)

Podemos constatar essa função sequenciadora de [chega aí]_{MD} no fragmento (2), apresentado na introdução deste artigo. Nesse dado, *chega aí* conecta a declaração inicial “Deixa eu te contar um segredo” à final “não sei se vc sabe, mas o Palmeiras não tem mundial”. Além da conexão, o MD concorre para a progressão textual-discursiva, ao convidar o interlocutor a prestar atenção ao que será declarado. Por conta dessa função pragmática mais específica, Oliveira e Fonseca (2020) e Fonseca (2023) classificam [chega aí]_{MD} como um tipo de marcador injuntivo convidativo, cuja frequência é motivada por contextos de uso menos monitorados, com maior nível de informalidade ou intimidade entre os interlocutores.

As instanciações de [chega aí]_{MD} também vão ao encontro do que postula Teixeira (2015):

Marcadores discursivos, doravante MDs, são, basicamente, elementos linguísticos que atuam no plano procedural da gramática, ou seja, são constituintes não referenciais que fazem relações entre componentes/partes/itens do discurso. Ao analisarmos contextos de interação, observamos que esses elementos facilitam o processamento do discurso (...) (TEIXEIRA, 2015, p. 45)

⁶ Maiores informações do Projeto NURC no site: <https://nurcrj.lettras.ufrj.br/>

Para Traugott (2021, 2022), os MD constituem uma subclasse dos marcadores pragmáticos, de acordo com a seguinte distribuição:

Figura 1: Taxonomia dos marcadores pragmáticos



Fonte: Traugott (2021, p. 4)

Como podemos observar pela figura 1, marcadores pragmáticos são integrados por marcadores sociais, como *bem* e *então* no português, marcadores epistêmicos, como *sei lá* e *você sabe* no português, e MD, como *a propósito* e *chega aí* no português. Como destaca a autora, embora a classe dos marcadores pragmáticos seja desprovida de semântica mais explícita, trata-se de uma categoria de sentido procedural convencionalizado, com expressiva relevância para a negociação inferencial entre os interlocutores e para a consequente organização do discurso.

Ainda conforme Traugott (2021, 2022), no grupo dos marcadores pragmáticos, os MD se caracterizam por fornecerem dicas de contextualização e instruções de processamento sobre como interpretar relacionamentos entre declarações contextualmente expressas, especificamente o tópico do discurso 1 (D1) e o tópico do discurso 2 (D2). O exemplo (2), já referido nesta seção, pode ilustrar essa função pragmática, uma vez que *chega aí* conecta “Deixa eu te contar um segredo”, correspondente a D1, a D2, “não sei se vc sabe, mas o palmeiras não tem mundial”.

Em Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) encontramos as quatro propriedades dos MD que, sinteticamente, definem esse grupo. De acordo com os autores, a categoria é integrada por membros: a) formalmente invariáveis, ou seja, de estrutura fixa; b) sintaticamente independentes, uma vez que atuam no nível pragmático; c) prosodicamente autônomos; d) pertencentes ao plano discursivo, estabelecendo relações mais sequenciadoras ou interacionais. Novamente podemos dizer que as propriedades de *chega aí* no exemplo (2) contemplam o estabelecido por Heine, Kaltenböck e Kuteva (2019) para a classe dos MD.

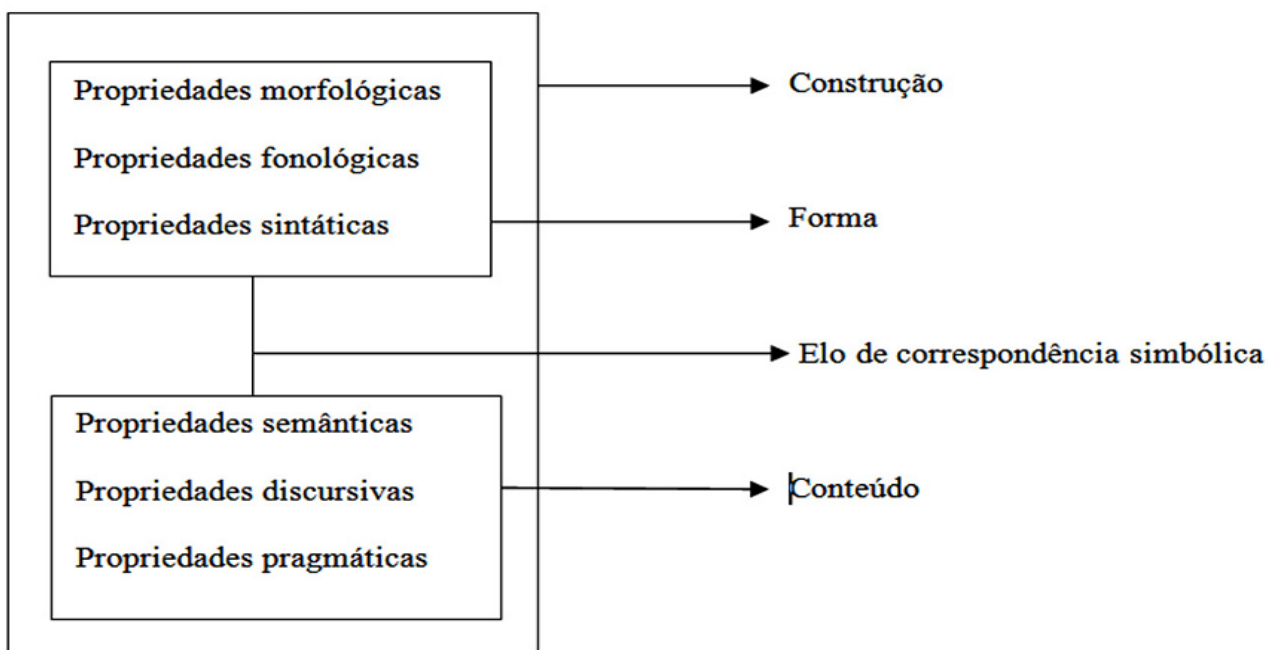
2. Fundamentos teórico-metodológicos

Assumimos uma recente vertente da Linguística Funcional como aporte teórico para fundamentar nossa investigação; trata-se de abordagem funcional de origem norte-americana que dialoga com a Linguística Cognitiva, tanto em sua concepção construcional quanto no que tange à

consideração de processos cognitivos no uso efetivo da língua. No Brasil, sobretudo no âmbito de pesquisas desenvolvidas pelo grupo de estudos *Discurso & Gramática*⁷, a fim de conferir relevância ao tratamento funcional do uso linguístico, essa recente abordagem funcional é denominada LFCU. Tal abordagem atua a partir do tratamento holístico da gramática, ao conferir igual relevância aos aspectos formais (sintáticos, morfológicos e fonológicos) e funcionais (discursivos, pragmáticos e semânticos) nas tarefas de descrição e análise das instâncias de uso linguístico, bem como ao conceber a rotinização, a experiência e a perspectivação como processos cognitivos envolvidos no uso linguístico.

Conforme a LFCU, a língua é organizada em rede de construções, em que todos os elementos linguísticos se conectam e se relacionam. Compreendemos as construções como unidades simbólicas que pareiam forma e função, interligadas por elos de correspondência simbólica, de modo que o conjunto de suas propriedades formais e funcionais as especifica, conforme representado pelo modelo estabelecido por Croft (2001):

Figura 2: Elo de correspondência simbólica construcional segundo Croft (2001, p. 18)



Fonte: Fonseca (2023, p. 23, 2023). Adaptação do modelo de Croft (2001)

Para a LFCU, mudanças linguísticas acontecem no uso efetivo da língua, sejam elas ocorridas no plano formal e/ou funcional de dada construção; tais mudanças podem resultar ou não no surgimento de uma nova unidade simbólica. Ao abordar a mudança linguística, é preciso distinguir dois tipos de mudança: as mudanças construcionais e a construcionalização.

⁷ Maiores informação do grupo no link: <https://deg.uff.br/>

Mudanças construcionais são alterações que podem ocorrer ou no plano da forma ou da função de uma construção já existente na língua, mas não culminam na formação de uma nova unidade simbólica, um novo nó na rede linguística. Tais mudanças são observadas como neoanálise em nano⁸ e/ou micropassos⁹, como detalhado mais adiante nessa seção. Já a construcionalização envolve a formação de um novo e inédito pareamento na língua. De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]):

*Construcionalização*¹⁰ é a criação de (combinações de) signos forma_{nova} - significado_{novo}. Ela forma novos tipos de nós, que tem nova sintaxe ou¹¹ morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções podem igualmente ser criadas gradualmente, mas elas também podem ser instantâneas. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser procedurais e microconstruções criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013], p. 58)

Há dois mecanismos relacionados aos processos de mudança: neoanálise¹² e analogização. Conforme esclarecido pelo próprio termo, a neoanálise trata-se de uma “nova análise” processada pelo usuário a respeito de uma construção; de acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 78) o “foco da neoanálise está na diferença com base na origem”. A busca pela expressividade, a recorrência de uso de dada construção e sua acessibilidade na memória da comunidade linguística são fatores que favorecem a neoanálise, assim, esse mecanismo configura um micropasso de mudança linguística, ao nível do conteúdo ou ao nível da forma de uma construção. Na pesquisa da rota de construcionalização que convencionaliza [chega aí]_{MD}, nos interessam as neoanálises que atuam como mudanças pré-construcionais.

Já a analogização é o mecanismo de mudança pelo qual uma construção serve como exemplar para a formação de um novo nó no *constructicon*, ou seja, uma nova combinação surge com base em uma construção já existente na língua. Nesse sentido, toda analogização é considerada um tipo específico de neoanálise, integrando etapa pré ou pós-construcional. De acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]):

⁸ Trata-se de mudanças sutis, no plano da forma ou do conteúdo, acontecidas dentro de um mesmo estágio contextual de uso linguístico, como defende Rosa (2019).

⁹ Micropassos estão relacionados às mudanças na forma ou no conteúdo de dado elemento linguístico que distinguem seus estágios contextuais de uso.

¹⁰ Grifo da autora.

¹¹ Grifo nosso.

¹² Traugott e Trousdale (2021 [2013]) ressaltam que optam pelo termo *neoanálise* em lugar de reanálise por compreenderem que esse mecanismo de mudança se dá em vista de uma nova interpretação de uma construção e não de uma reinterpretação da mesma.

A neoanálise frequentemente resulta da combinação (geralmente inconsciente) de um padrão pelos usuários da língua, processo conhecido como analogia, porém mais propriamente entendido como pensamento analógico. O recrutamento de um item para um subsquema que pode resultar de pensamento analógico é um mecanismo de mudança que chamamos de analogização. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021 [2013], p. 57)

Ao investigar [chega aí]_{MD}, observamos a formação do pareamento forma_{nova} - conteúdo_{novo} com função procedural, mais especificamente voltada à marcação do discurso, resultante de construcionalização gramatical¹³ que ocorre por meio de sequência de neoanálises em micropassos de mudanças pré-construcionais. Para rastrear e descrever as mudanças construcionais pelas quais a combinação *chega aí* passa, adotamos os estágios de mudança¹⁴ propostos por Diewald e Smirnova (2012). De acordo com as autoras, são quatro esses estágios: atípico, crítico, isolado e integração paradigmática.

A fim de nos apropriarmos da taxonomia dos contextos de uso estabelecida por Diewald e Smirnova (2012), adotamos seu refinamento como firmado por Rosa (2019):

Quadro 1: Tipos de contextos a partir de Diewald e Smirnova (2012)

Estágio	Contexto	Significado/ função	Tipos de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	Contexto atípico	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; Composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Expressões idiomáticas extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contexto isolado	Itens polissêmicos/heterossêmicos	Expressões idiomáticas formal ou lexicalmente abertas
IV- Integração paradigmática	Contexto paradigmático	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Rosa (2019, p. 70)

¹³ A construcionalização lexical tende a ocorrer de modo mais instantâneo e resulta em construções que fazem referência ao mundo biossocial.

¹⁴ Esse modelo de taxonomia construcional, inicialmente foi formulado para a análise de mudanças diacrônicas, no entanto, assumimos sua aplicabilidade para mudanças ocorridas ao longo de um curto espaço de tempo, ratificando a gradiência sincrônica.

Ao observarmos o quadro 1, constatamos que a mudança tem seu ponto de partida em contextos atípicos, marcados por alterações semânticas, que conduzem a polissemias que impactam o eixo do conteúdo. Na sequência, o incremento da ambiguidade atinge o eixo formal, marcando os contextos críticos, motivando metaforização e metonimização. A partir daí, se chega ao contexto isolado, em que é consolidada a mudança gramatical, distinguindo o novo elemento daquele que lhe serviu de fonte. Por fim, uma vez isolado, o novo item passa a integrar outra categoria gramatical, passando a competir, no âmbito desta categoria, com outros itens pertencentes à classe recém-ingressa.

Como constatamos na próxima seção deste artigo, no processo da construcionalização de [chega aí]_{MD}, além de mudanças pré-construcionais que caracterizam cada um dos estágios listados no quadro 1, detectamos alterações mais sutis e específicas em cada um dos estágios, isto é, flagramos nanopassos de mudança, nos termos de Rosa (2019). De acordo com Fonseca (2023, p. 39), “esses pequenos passos de mudança dentro de um mesmo contexto levaram a subdividi-los de acordo com tais especificidades, de modo que há transições intracontextuais identificadas por graus”.

Em termos metodológicos, de acordo com a abordagem funcional adotada e a fim de rastrear os micropassos de mudança, a combinação *chega aí* foi investigada em fontes sincrônicas de registro de uso efetivo da língua portuguesa. Tais fontes são constituídas por textos orais transcritos ou por textos escritos que se aproximam da oralidade, como textos notariais, teatrais, *posts* de site de relacionamentos, blogs, entrevistas e declarações.

Foram pesquisados textos dos séculos XX e XXI da amostra *Now* do CdP¹⁵; amostra *Web/Dialectics*¹⁶ (ambos extensões integrantes do projeto *Corpus do Português*); *Corpus do Twitter*¹⁷; compilados do *Corpus Mineirês*¹⁸, *NURC*¹⁹ e do *Corpus PEUL* recontactados 2000²⁰. Esses quatro últimos foram organizados pelo Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução (NUPACT²¹).

O quantitativo de ocorrências por estágios contextuais e intracontextuais são informados e analisados na quarta seção, quando tratamos da integração de [chega aí] ao paradigma dos MD do português. Como defendemos que, no processo de construcionalização de [chega aí]_{MD}, para além do *cline* contextual, há atuação do mecanismo de analogização a [vem cá]_{MD}, as informações quantitativas são apresentadas em relação a essas duas construções²².

¹⁵ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/now/>

¹⁶ Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/>

¹⁷ Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>

¹⁸ Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>

¹⁹ Disponível em: <https://nurcrj.lettras.ufjf.br/>

²⁰ Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>

²¹ NUPACT é o Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional e Tradução que foi criado em setembro de 2019 na Universidade Federal de Juiz de Fora. Página disponível no endereço eletrônico <https://www.ufjf.br/nupact/> (Informações observadas no próprio *site*)

²² Na apresentação dos informes quantitativos de *vem cá*, nos apoiamos em Fonseca (2023) e Teixeira (2015).

3. Construcionalização de [chega aí]_{MD}

Nesta seção, descrevemos e especificamos os estágios de mudança propostos por Diewald e Smirnova (2012), bem como apresentamos as subdivisões intracontextuais em graus e a descrição dos nanopassos de mudanças observados dentro de um mesmo contexto de *chega aí*.

3.1 Contexto típico

Conforme esclarecido anteriormente, nesse contexto os elementos da combinação *chega aí* apresentam suas características prototípicas, a partir das quais é possível observar as mudanças construcionais processadas até a convencionalização [chega aí]_{MD}. No contexto típico, o verbo *chegar* expressa sentido de deslocamento em espaço físico e o locativo *aí*, função dêitica e referencial relacionada à localização espacial.

Esse contexto é dividido em dois graus intracontextuais devido à diferença no modo como é realizada a referência espacial: explicitação do espaço físico ou sua inferência na situação comunicativa. Assim, conforme constatamos no exemplo abaixo, o grau intracontextual um do contexto típico é marcado pela menção a um local físico:

(3) Rubem Andrade
@de_brinquedo

Tweet:

É a bagagem de Jack Sparrow!
Logo o Pérola Negra **chega ai** tbm...



Em (3), o usuário do *Twitter* Rubem Andrade compartilha a imagem de uma notícia do *site* G1. Ao comentar a respeito, ele sugere, de modo irônico, que o objeto pertence a um personagem pirata do filme “Piratas do Caribe” (É a bagagem de Jack Sparrow!) e que seu navio também está a caminho da referida praia (Logo o Pérola Negra **chega ai** tbm...). Nessa situação comunicativa, o verbo *chegar* expressa o fim de um trajeto percorrido e o locativo *aí* aponta para o referido espaço físico onde o navio (sujeito oracional) finalizará seu deslocamento, a praia do Sossego. Logo, assumimos que uso da combinação *chega aí*, em (3), se apresenta com a estrutura prototípica de predicado verbal.

Já na ocorrência (4) o espaço não é mencionado, ou seja, não é citado na estrutura sintática, ainda que também o classifiquemos como predicado verbal:

(4) **Didico** @Nrarodrigues

Tweet em resposta a @gabriellegondim:

Já mandei a foto autografada, **chega aí** em uma semana mais ou menos

(Twitter - 04/07/20)

Em (4), o usuário do *site* de relacionamento Didico (@Nrarodrigues) responde a uma interlocutora, marcando-a em sua postagem. Na resposta, Didico comunica que a foto autografada (possível solicitação de uma seguidora) já foi enviada e está se deslocando rumo a um local não mencionado, mas presumivelmente, a localidade onde ela reside (**chega aí** em uma semana mais ou menos).

Destacamos que o preenchimento estrutural do sujeito é característica importante que marca a composicionalidade e a analisabilidade do contexto típico, ainda que sua realização possa ser mais ou menos prototípica, por conta de traços de agentividade ou não do sujeito. No caso do fragmento (4), a não agentividade do sujeito em *chega aí* concorre para o classifiquemos como grau dois de tipicidade contextual.

3.2. Contexto atípico

Assim como o contexto típico, o contexto atípico é subdividido em grau intracontextual um e dois, devido a nuances no uso da combinação *chega aí*, as quais estão relacionadas à mudança de sentido de deslocamento do verbo *chegar*, conforme observado nos registros abaixo:

- (5) fazer todo o saneamento que a gente precisa. Então, o nosso governo vai buscar recursos federais pra implementar saneamento. Basta ter projeto. Muitas vezes o estado deixa de receber recursos porque não tem bons projetos, porque não consegue capacitar os seus servidores pra que eles possam realizar esses projetos. Nós até temos uma proposta de capacitar os servidores e auxiliar os municípios, inclusive do estado, a formar projetos mais qualificados pra receberem verbas. E isso, certamente, vai impactar em um saneamento de mais qualidade. # AL TV 1ª Edição - A gente **chega aí** nessa reta final da nossa entrevista, candidato. (Amostra Now do CdP - G1 - 18/09/2010)
- (6) doloroso para todos. # Lógico que quem ia bem perdeu ponto, quem ia mais ou menos piorou e quem já ia mal destramelou de vez (passe em Ilhéus e Itabuna e veja). # Infeliz natal —Em torno de 80% dos 417 municípios baianos demitiram servidores entre setembro e agora. Segundo Eures Ribeiro (PSD), presidente da UPB e prefeito de Bom Jesus da Lapa, ele próprio demitiu 250. O tamanho do estrago ainda não foi contabilizado, mas Eures afirma que não é exagero dizer que o número de novos desempregados **chega aí** à casa de 20 mil. # – É disso para mais. Tivemos que demitir. (Amostra Now do CdP - atarde.uol.com.br - 2018)

No fragmento (5), *chega aí* atua na função de apontar o fim de um evento (*chega aí* nessa reta final), assumindo sentido mais temporal, por nós classificado como grau um. No fragmento (6), a combinação *chega aí* indica sentido de estimativa ou quantificação aproximada (*chega aí* à casa de 20 mil), configurando grau dois de atipicidade. A abstração semântica de projeção temporal ou a de uma escala quantitativa é característica desse estágio contextual. Observamos, portanto, que, apesar da manutenção da estrutura argumental, em ambos os fragmentos há aumento de polissemia no que se refere ao sentido de deslocamento nesse ponto do *cline*. Assim, detectamos orações com sujeitos explícitos (a gente e o número de novos desempregados) e complementos circunstanciais (nessa reta final de nossa entrevista e à casa de 20 mil), constituintes integrantes da estrutura argumental, ainda que fora do eixo prototípico de sua categoria. Trata-se de elementos mais genéricos ou abstratos, que concorrem para a ambiguidade semântica própria do contexto atípico, conforme Diewald e Smirnova (2012).

3.3. Contexto crítico

O contexto crítico é marcado por ambiguidades construcionais tanto nas propriedades formais quanto funcionais. Tais ambiguidades propiciam interpretações alternativas a partir das quais se origina o novo significado gramatical, isto é, a construcionalização, caso ocorra como processo de mudança, é subsequente ao contexto crítico. A partir dos dados em análise, é no contexto crítico que constatamos a analogização de *chega aí* a partir de *vem cá*.

No plano formal, há alteração do emprego da forma *chega* de presente do indicativo para imperativo, assim, ocorre mudança na predicação verbal, com formação de *chunk*. No plano funcional, apesar da manutenção do sentido de deslocamento, há expansão semântica relacionada ao convite para que se realize deslocamento físico, virtual ou de transição temporal. Tais nuances de deslocamento caracterizam, respectivamente, os três graus intracontextuais do contexto crítico, conforme apresentamos nos registros que se seguem:

- (7) Mayla e Emilly comentam isolamento de Manoel # Manoel está deitado na banheira de hidromassagem enquanto Mayla, Emilly e Antônio estão sentados nas poltronas da área externa. As irmãs observam que Manoel está afastado e se perguntam o motivo. “Por que ele está lá e não aqui?”, questiona Emilly. “Manoel, **chega aí**”, pede Antônio. “Acho que ele está chateado contigo”, comenta Emilly. (Amostra Now do CdP - gshow.globo.com - 2018)

O fragmento (7) é um resumo dos acontecimentos do *reality show Big Brother Brasil*, retirado do *site* de entretenimento *Gshow*. Nessa ocorrência, há o relato de uma cena em que o participante Antônio se dirige ao seu colega Manuel, solicitando que este se aproxime (Manoel, *chega aí*). Nessa situação, o uso de *chega aí* indica a solicitação, o convite que Antônio faz para que Manuel se desloque até o espaço físico em que o grupo de participantes do *reality* se encontra. O registro (7) exemplifica o grau intracontextual um do contexto crítico.

De acordo com Fonseca (2023):

Nesse grau intracontextual, o usuário da língua acessa uma situação comunicativa em que há ambiguidade na perspectivação espacial: coexistência de elementos, inferências e contextualização de localização espacial do *eu*, aliados ao uso imperativo e ao apontamento dêitico do locativo *aí* para o interlocutor. (FONSECA, 2023, p. 116)

A autora aponta a formação de *chunk* convidativo motivado por analogização com a combinação *vem cá* a partir desse grau intracontextual. A combinação *vem cá*, em uso prototípico, expressa solicitação para deslocamento físico do interlocutor no espaço, desse modo, em virtude de *chega aí* e *vem cá* serem formações constituídas por verbos que expressam movimento complementado por locativo, bem como por conta da dupla perspectivação espacial de *chega aí*, há favorecimento de analogização entre ambas as combinações, conforme observado no registro seguinte:

- (8) “O público tá vendo o proceder de cada um, te garanto. Tô analisando isso pelas eliminações, pelas pessoas que já saíram daqui e que ninguém antes imaginava” finalizou ele. Rafael Ilha aponta faca para João Zoli # Na tarde desta sexta-feira (09), Rafael Ilha acabou deixando João Zoli assustado, acontece que o ex-Polegar apontou uma faca para o cantor. Na ocasião, João Zoli estava preparando algo para comer, quando Rafael se aproximou e apontou a faca para o colega. “O Bob Esponja, **chega aí**. Deixa eu ver uma coisa. **Vem cá**, fica mais perto”, falou ele ao se aproximar. # A ficar ao lado de João, Rafael Ilha disparou: “E aí moleque. Deixa eu ver uma coisa, essa barba tá boa de fazer na faca?”, perguntou Rafael. Desconfortável, João disse: “Cê é louco, vira isso aí pro outro lado”. O ocorrido não passou de uma brincadeira mas acabou assustando João de verdade.... (Amostra Now do CdP - www.areavip.com.br - 2018)

Em (8), é possível observarmos *chega aí* em contexto crítico (grau intracontextual um) e *vem cá*, este em contexto típico. Trata-se de uma cena de um *reality show* em que Rafael se aproxima de outro participante, João Zoli, e se refere a ele como Bob Esponja, solicitando que se desloque e se aproxime (O Bob Esponja, *chega aí*. Deixa eu ver uma coisa). A fim de enfatizar a solicitação para que o colega se aproxime, Rafael reitera o convite utilizando a combinação *vem cá* (*Vem cá*, fica mais perto).

- (9) Joegráfia
@joegráfia

QUASE CERTEZA QUE TÔ AO VIVO!
Vamos jogar jogo BR (e se não der certo a gente troca de jogo...) **CHEGA AÍ!!!**
Twtch.tv/joegráfia



Em (9), flagramos o grau intracontextual dois do contexto crítico, em que o *chunk chega aí* é usado no fim de uma postagem com a finalidade de convidar os possíveis interlocutores a se direcionarem virtualmente, por meio de um link disponibilizado, ao jogo *on-line*. De acordo com Fonseca (2023), nesse grau intracontextual do contexto crítico “o convite, apesar de requerer que o interlocutor realize ação ou movimento (clique para se direcionar até o espaço virtual), não implica deslocamento de seu corpo no espaço biossocial” (FONSECA, 2023, pp. 118-9).

(10) ambrosio
@jaoambrosio

Tweet:

Chega aí 2021, eu já te amo
(ambrosio - Twitter - 31/12/20)



Em (10), trazemos uma postagem curta sobre *Reveillon*. Nessa postagem, observamos que *chega aí* atua como uma espécie de chamamento para que um novo ano se inicie. Nessa situação comunicativa, o *chunk chega aí* está relacionado à passagem do tempo, à virada do ano (fim de um ano e início de outro). Com base na análise qualitativa desse subtipo de criticidade contextual, o classificamos como de grau três.

Como já declaramos, consideramos que é no contexto crítico que se estabelece a relação analógica entre *chega aí* e *vem cá*, concorrendo para a formação do *chunk chega aí* com sentido convidativo. Assumimos que essa relação, que se configura como acúmulo de ambiguidades ao nível da forma e do conteúdo, nos termos de Diewald e Smirnova (2012), é o passo que prenuncia e mesmo anuncia a construcionalização [*chega aí*]_{MD}.

3.4. Contexto isolado

Nesse estágio contextual, há a consolidação de uma nova construção na rede linguística, isto é, há formação de um novo nó que se opõe a e passa a coexistir com a construção que lhe serviu como fonte em contexto típico, cada qual com suas propriedades formais e funcionais. Uma vez consolidado, o processo de construcionalização não pode ser revertido, a nova construção é integrada ao *constructicon* e fica disponível para outras possíveis mudanças pós-construcionalização. Portanto, no contexto isolado, há convencionalização de *chega aí* como MD, codificada construcionalmente como [*chega aí*]_{MD}. Detectamos dois graus intracontextuais nesse estágio, que se distinguem pelo modo como a informação é referenciada e focalizada. O primeiro desses graus é ilustrado a seguir:

(11) Rodrigo Calleri
@rodrigochr

Tweet:

Em resposta a @branni_b

SIM CARA HAUAHSUWHSUA

“gente **chega ai** ele acha que vai dormir bem chegar cedo no trabalho botar as coisas em dia ficar de bom humor kkkk que otario olha ele achando” meus divertidamente

(Twitter - 02/07/20)



Em (11), Rodrigo Calleri responde a um comentário feito por @branni_b em seu *post*. Em sua postagem, @branni_b convida/convoca os possíveis interlocutores, de forma irônica e desrespeitosa, a tomarem ciência do que Rodrigo escreveu (gente *chega ai* ele acha que vai dormir bem chegar cedo no trabalho botar as coisas em dia ficar de bom humor kkkk que otario olha ele achando). Rodrigo, então, reage a esse comentário reafirmando seu posicionamento avaliativo (SIM CARA HAUAHSUWHSUA).

De acordo com Fonseca (2023), nessa situação comunicativa, *chega ai* tem a função de um MD de sentido convidativo, “que marca o discurso de modo intersubjetivo ao atuar como elemento de aproximação dos interlocutores, com projeção ou direcionamento da atenção para partilhamento interacional.” (FONSECA, 2023, p. 125). Em contextos desse tipo, é possível que a instanciação de [chega aí]_{MD} possa ser parafraseada por “preste atenção aqui”.

Conforme mencionamos, a construção [vem cá]_{MD}, por ser mais antiga e mais recrutada pelos usuários da língua, como demonstrado por Teixeira (2015), serve de base analógica para [chega aí]_{MD}, motivada, sobretudo, pelo padrão estrutural com locativo posposto a verbo de movimento [V_m Loc]. A analogização, portanto, é assumida como mais um fator motivador da construcionalização [chega aí]_{MD}, para além do *cline* contextual apresentado nesta seção.

Como observamos a partir do fragmento (11), *chega ai* no grau intracontextual um do contexto isolado atua na marcação discursiva com a função de chamar a atenção do interlocutor para compartilhar uma informação. Esse papel também pode ser constatado em (12), a seguir, via instanciação de [vem cá]_{MD}:

- (12) Manual de Souza - Como assim? Gabriela - Como assim? Castelo Branco - Não insistas, rapariga! Carlos - Muito simplesmente. Agora que o Capitão-General engoliu a pílula, convém que permaneçamos algum tempo no status-quo. Manual de Souza - Como no status-quo.. Queres então que eu fique sendo marido de tua mulher? Carlos - Decerto, isto é, oficialmente. Manual de Souza - Está visto: na salinha. Mas, **vem cá**, e minha mulher? Carlos - E tu a dares com tua mulher! Tua mulher! Confessar-lhe-emos tudo, e, logo que haja cá entre nós certa combinação, verás que vidinha... (...). (Teatro, A Casadinha de Fresco de Artur Azevedo - século XIX)

No fragmento (12), há o registro de uma cena em que o personagem Manuel de Souza se dirige a Carlos, manifestando contestação em relação à situação de sua mulher. Para atrair a atenção do interlocutor, Manuel estabelece aproximação para chamar sua atenção (Mas, *vem cá*, e minha mulher?). Nessa situação, *vem cá* atua na marcação do discurso, ao chamar a atenção do interlocutor para o que o locutor intenciona compartilhar, consubstanciada na indagação sobre sua mulher.

O segundo nível do contexto isolado de *chega aí* MD é representado em (13):

(13) Leo Aversa
@LeoAversa

Tweet:

O álibi do sujeito é que na hora do assassinato ele estava matando outra pessoa em outro lugar.
Chega aí, Tarantino.

(Twitter - @LeoAversa- 30/06/20)



No fragmento (13), @LeoAversa comenta a respeito do depoimento de um suspeito de ter assassinado a vereadora Marielle Franco; a pessoa se declara inocente e apresenta como álibi o fato de que, no dia do ocorrido, estava matando outra pessoa em outro lugar. Diante da alegação absurda, @LeoAversa finaliza seu comentário de modo irônico, invocando o diretor Quentin Tarantino, conhecido por suas produções cinematográficas de gênero criminal. Ao invocar o cineasta, @LeoAversa atrai a atenção e reforça a contradição ou o disparate da situação. Nesse uso, *chega aí* atua como MD focalizador de atenção, em que detectamos o sentido convidativo estabelecido no contexto crítico, mas agora com nuance invocatória. Segundo Fonseca (2023) “nesse grau intracontextual, [chega aí]_{MD} não é dirigido a um interlocutor específico, mas visa a estabelecer atenção conjunta e alinhamento de conhecimentos e percepções» (FONSECA, 2023, p. 126)

Sobre a construcionalização de [chega aí]_{MD}, Fonseca (2023), com base em Croft (2001) e a partir dos contextos de uso levantados, estabelece as propriedades construcionais desse pareamento:

Quadro 2: Propriedades formas e funcionais de [chega aí]_{MD}

Propriedades	[chega aí] _{MD}
Sintáticas	Formação de nova microconstrução, perda da composicionalidade entre as subpartes V e Loc Fora do conteúdo proposicional, isolado na estrutura sintática Possibilidade de instanciação com vocativo Ordenação fixa
Morfológicas	Configuração invariável: <i>type</i> específico Decategorização de V e Loc Menor nível de composicionalidade Formação de <i>chunk</i>
Fonológicas	Prosódia estabelecida por pausa demarcativa Um só grupo de força
Semânticas	Persistência de traços da semântica verbal de movimento Persistência de traços da semântica espacial Sentido holístico e convencionalizado de convite (foco atencional), via inferência sugerida
Pragmáticas	(Inter)subjetividade estendida ²³ Expressividade injuntiva Realce de informação compartilhada Maior abstração funcional (aproximação dos interlocutores, estabelecimento de terreno comum)
Discursivas	Grau de dialogicidade ou direcionamento ao interlocutor Instanciação em sequências expositivas Marcação do discurso Traço de informalidade

Fonte: Fonseca (2023, p. 128)

No contexto isolado há, portanto, a convencionalização de [chega aí]_{MD} com função interacional voltada para articulação de um convite, pelo qual o interlocutor é chamado a dirigir sua atenção para o ponto focal destacado pelo locutor. Como uma nova construção MD do português, [chega aí] distingue-se, formal e funcionalmente, do contexto típico que lhe deu origem, como apresentamos em 3.1.

Em termos quantitativos, a tabela 1 detalha a produtividade de cada micro e nanopasso que detectamos, com base nos 114 dados de *chega aí* levantados nas fontes pesquisadas:

²³ Nos termos de Tantucci (2021), trata-se de um tipo de intersubjetividade mais ampla, em que o interlocutor passa incluir uma terceira e genérica pessoa, com maior nível de abstração e forte motivação pragmática.

Tabela 1: Quantitativo de *chega aí* distribuído por graus intracontextuais

Contexto	Grau intracontextual	Quantitativo	Total
Típico	Grau um	15	34
	Grau dois	19	
Atípico	Grau um	9	11
	Grau dois	2	
Crítico	Grau um	36	62
	Grau dois	24	
	Grau três	2	
Isolado	Grau um	4	7
	Grau dois	3	

Fonte: Fonseca (2013, p. 130)

Conforme aponta a tabela 1, o contexto crítico que, como evidência de mudanças pré-construcionais, antecede $[chega\ aí]_{MD}$ é o mais produtivo na língua. Dos 114 fragmentos analisados, somente sete constituem efetivas instanciações de MD, o que permite a defesa de que a construção pesquisada é um pareamento mais recente na língua. Tal assunção é corroborada pela maior frequência de contextos críticos, registrados em 62 fragmentos, constituindo praticamente a metade dos dados. Interpretamos essa produtividade maior da criticidade contextual, na condição de ambientes fortemente marcados por ambiguidades ao nível do conteúdo e da forma, como mais uma evidência da recente construcionalização de $[chega\ aí]_{MD}$, uma vez que se trata de etapa que antecede o estágio isolado, quando se firma a nova construção MD na língua.

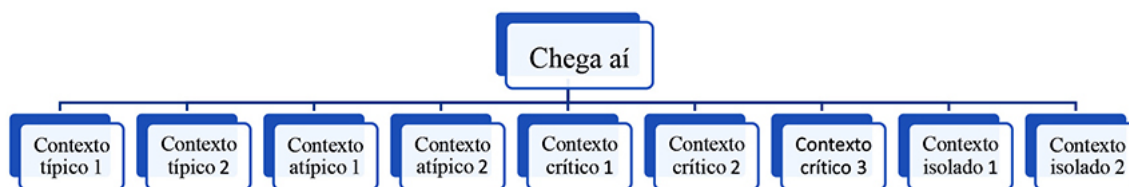
4. Paradigmatização de $[chega\ aí]$ no esquema $[VLoc]_{MD}$

Conforme Diewald e Smirnova (2012), a etapa final da mudança linguística, como no caso da construcionalização $[chega\ aí]_{MD}$, é a entrada dos itens convencionalizados em outros paradigmas da língua, distintos daqueles que lhes serviram de fonte. De acordo com as autoras, uma vez consolidado o novo pareamento de conteúdo e forma, a trajetória é finalizada com o ingresso deste pareamento em distinta classe gramatical.

Em relação à $[chega\ aí]_{MD}$, no PB contemporâneo, amplia-se o paradigma dos elementos de marcação do discurso, com o ingresso deste novo membro na classe. Na nova categoria, $[chega\ aí]_{MD}$ passa a partilhar traços semânticos com os demais elementos integrantes do paradigma e, por outro lado, porta sentidos mais específicos, passando a competir pela instanciação no uso linguístico como mais uma *camada*, nos termos de Hopper (1991). As propriedades emanadas dos contextos específicos de interação, como demonstrado por Fonseca (2023), podem motivar a seleção do MD *chega aí* pela comunidade linguística.

O levantamento e a análise das instâncias de uso de *chega aí*, como detalhamos na seção anterior, permitem estabelecer o seguinte *cline* de mudanças pré-construcionais que conduzem à convencionalização da função de MD, distribuído em micro e nanopassos:

Figura 3: Micro e nanopassos na construcionalização de [chega aí]_{MD}



Fonte: Fonseca, (2023, p. 130)

Conforme apresentamos na figura 3, os micropassos se referem aos três tipos contextuais propostos por Diewald e Smirnova (2012) – atípico, crítico e isolado. No âmbito de cada um desses micropassos, distribuem-se modulações mais refinadas, envolvendo ambiguidades sutis, as quais, como Rosa (2019), classificamos de nanopassos. Assumimos que esse *cline* contextual traduz tanto a gradualidade da mudança linguística, em termos históricos, quanto a gradiência dos estados sincrônicos, conforme postulam Traugott e Trousdale (2021 [2013]) e Bybee (2016 [2010]), entre outros.

Além da motivação de ordem contextual, constatamos a atuação do mecanismo de analogização na convencionalização de [chega aí]_{MD}, por intermédio do MD [vem cá]. Tal constatação destaca a complexidade de fatores envolvidos nas mudanças pré-construcionais.

Na tabela a seguir, apresentamos a produtividade de *vem cá* e *chega aí* distribuída por estágios contextuais, em termos sincrônicos e diacrônicos. Ressaltamos que os dados de *vem cá* são extraídos de Teixeira (2015), levantados do *Corpus do Português*, e que temos registro de somente dois dados de *chega aí* na trajetória da língua, ainda assim usados estritamente em contexto típico, conforme a tabela 2:

Tabela 2: Produtividade de *vem cá* e *chega aí* por contextos de uso no português

Contexto	Padrão de uso	Diacronia	Sincronia	Total
Típico	vem cá	178	80	258
	chega aí	2	32	34
Atípico	vem cá	2	13	15
	chega aí	-	11	11
Crítico	vem cá	7	18	25
	chega aí	-	62	62
Isolado	[vem cá] _{MD}	20	42	62
	[chega aí] _{MD}	-	7	7

Fonte: Autoral, com base em Fonseca (2023)

A tabela 2 aponta a maior produtividade de *vem cá* face à *chega aí* no uso linguístico. Além da maior frequência em termos absolutos – 360 dados de *vem cá* contra 148 de *chega aí*, podemos constatar que os contextos mais ambíguos ou difusos de *chega aí* não são registrados na trajetória

da língua, mas sim a partir do português contemporâneo. A atuação do mecanismo de analogização fica evidenciada ao observarmos que a instanciação de [vem cá]_{MD} ocorre em sincronias mais antigas, como destacado por Teixeira (2015), que, no século XVI, registra a primeira ocorrência dessa função. A tabela 2 também revela que, na trajetória da língua, são levantados 20 usos do MD *vem cá*, que dobram no português contemporâneo, com 42 registros. Quanto à *chega aí*, somente ocorre em contextos típicos ao longo do português, para, a partir do século XX, via mudanças contextuais e pressões analógicas, chegar ao contexto de isolamento, com a convencionalização [chega aí]_{MD}. Na função de MD, constatamos a baixa produtividade de [chega aí] em relação a [vem cá]: são, ao todo, 62 instanciações de [vem cá] contra somente sete de [chega aí], sendo estas últimas somente na sincronia atual. Esses números concorrem para considerarmos [chega aí]_{MD} um pareamento gramatical mais recente na língua

O que as pesquisas sobre construcionalização de MD, como as de Teixeira (2015), Rosa (2019), Sambrana (2021) e Fonseca (2013), têm demonstrado é que a paradigmaticização deve ser tomada como etapa processual, uma vez que o ingresso dos novos pareamentos na classe dos MD é iniciada do modo marginal. Essa assunção parte da constatação de que tais pareamentos não portam traços categoriais mais prototípicos, traços estes partilhados pelos membros que ocupam o eixo central da categoria e que registram convencionalização mais antiga no *constructicon*.

Em relação a [chega aí]_{MD}, objeto de pesquisa aqui investigado, a marginalidade categorial é constatada pela manutenção de relativa composicionalidade entre suas subpartes verbal e locativa, o que compromete a vinculação semântico-sintática mais efetiva que deve caracterizar a construção gramatical, como assumida por Goldberg (1995, 2006), Croft (2000) e Traugott e Trousdale (2021 [2013]), entre outros.

Para destacar a relevância com que a perspectiva paradigmática deve ser considerada na abordagem construcional, contribuindo para que tal perspectiva seja mais efetivamente considerada na pesquisa da construcionalização gramatical, Diewald (2020) propõe que paradigmas gramaticais sejam considerados como um novo tipo de nó, como uma *hiperconstrução*, na representação de especificidades categóricas e não gradientes de significado gramatical. Assumimos, com base na autora, que o paradigma dos MD deve ser tomado como uma construção de nível hierárquico mais alto, integrada por membros que partilham traços semânticos comuns e que podem assumir configuração estrutural variada. Tal assunção promove a distinção entre paradigmas gramaticais e esquemas construcionais, estes, conforme Traugott e Trousdale (2021 [2013]), efetivamente pareados em termos de conteúdo e formato.

Assim orientados, consideramos que a hiperconstrução MD, nos termos de Diewald (2020), é integrada tanto por construções como [vem cá], [chega aí] e [espera lá], pertencentes ao esquema [VLoc], com base em Teixeira (2015), quanto por outras de diferente configuração, como, por exemplo, [vamos nessa], [né?] e [então]. Nesse sentido, constatamos que a hiperconstrução MD pode ser ampliada tanto por analogização, nos termos de Bybee (2016 [2010]), como no caso das

construções do esquema [VLoc] no português, quanto pelo ingresso, via outros processos de mudança gramatical, de membros estruturalmente diversos. Tal constatação demonstra que o paradigma não se reduz a relações de herança construcional, seja em termos verticais ou horizontais, como defende Diewald (2020).

Considerações finais

Conforme demonstramos nas seções anteriores, a pesquisa da rota de construcionalização de [chega aí]_{MD} aponta a atuação conjunta de duas motivações distintas e complementares. Essa duplicidade de forças concorre para que a mudança linguística, no âmbito da pesquisa em LFCU, seja tomada como um processo complexo, gradual e gradiente, como destaca Bybee (2016 [2010]).

Na investigação que empreendemos, constatamos a pressão de propriedades contextuais, que concorrem para que mecanismos de ordem metafórica e metonímica favoreçam neónalises, como mudanças pré-construcionais, conduzindo à [chega aí]_{MD}. Por intermédio desse tipo de pressão, micro e nanopassos levam à formação de um novo membro do paradigma dos MD no *constructicon* do português. Por outro lado, detectamos também o processo de analogização, por intermédio do qual [vem cá]_{MD} atua como força atratora adicional que motiva [chega aí]_{MD}.

Nosso percurso investigativo confirma que [chega aí] é uma construção de inserção recente na hiperconstrução MD do *constructicon* do português, detectada somente a partir do século XX, ainda com nível relativo de composicionalidade e, nesse sentido, ocupando lugar marginal na classe dos MD. Constatamos também que, na competição entre os demais membros MD, [chega aí] é instanciado preferencialmente em contextos informais, como, por exemplo, em interações de *sites* de relacionamento, no convite que locutores fazem a interlocutores para que partilhem, em atenção conjunta, pontos de vista, opiniões e avaliações.

Os resultados aqui apresentados ensejam a continuidade da pesquisa dos MD no português. Consideramos que a LFCU, como viés teórico, tem a contribuir para que mais e melhor possamos descrever e interpretar essa categoria, tanto em termos dos elementos específicos que a compõem quanto em termos das relações semântico-sintáticas que tais elementos estabelecem entre si.

Referências

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Linguística*, Rio de Janeiro. Volume especial, pp. 83-101, dez. 2016.

DIEWALD, Gabriele. Paradigms Lost – Paradigms Regained: Paradigms as Hyper-constructions. In: SOMMERER, Lotte; SMIRNOVA, Elena (eds.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins (CAL 27), 2020, pp. 277-315.

DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. “Paradigmatic Integration”: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: DAVIDSE, K. *et al* (eds). *Grammaticalization and Language Change – new reflections*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012, pp. 111-31.

FONSECA, Monique Borges. “Chega aí” e “vem cá”: uma análise contrastiva e funcional centrada no uso. 170 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2023.

FRASER, Bruce. Types of English discourse markers. *Acta Linguistica Hungarica*, v. 38, 1988, pp. 19-33.

FRASER, Bruce. An Approach to Discourse Markers. *Journal of Pragmatics*, v. 4, n. 3, pp. 383-98, 1990.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, Bernd; KALTENBÖCK, Gunther; KUTEVA, Tania. On the rise of discourse markers. *Researchgate*. Preprint, june. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/333783353>. Acesso em: 27 jun. 2019.

HOPPER, Paul. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (eds.). *Approches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, pp. 17-58.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; FONSECA, Monique Borges. Níveis de vinculação semântico-sintática de “chega aí” no português do Brasil: uma análise centrada em contextos de uso. *Revista (Con)Textos linguísticos*. Vitória, v. 14, n. 28, pp. 56-76, 2020.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Gisele Machline; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015, pp. 371-482.

ROSA, Flávia Saboya. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa (org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói: Editora da UFF, 2022.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São José do Rio Preto, n. 60, v. 2, pp. 233-59, 2016.

SAMBRANA, Vania Mattos. *Construcionalização de marcadores discursivos formados por “olhar” e “ver” no português*. 166 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2021.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TANTUCCI, Vittorio. *Language and Social Minds: The Semantics and Pragmatics of Intersubjectivity*. New York: Cambridge University Press, 2021.

TEIXEIRA, Ana Cláudia Machado. *A construção verbal marcadora discursiva VLoc_{MD}: uma análise funcional centrada no uso*. 297 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2015.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. A constructional perspective on the rise of metatextual discourse markers. *Cadernos de Linguística*. Abralín, v. 2, n. 1, pp. 1-25, 2021.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Discourse Structuring Markers in English: A Historical Constructionalist Perspective on Pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2022.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.